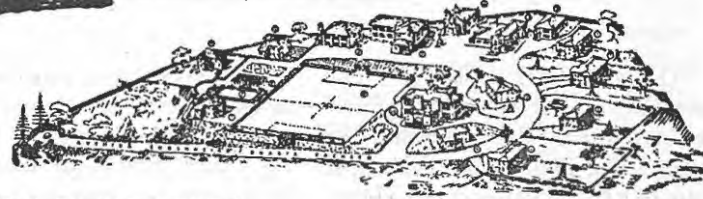




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

14 DE ABRIL DE 1962
ANO XIX — N.º 472 — Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PACO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PACO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TOTOBOLA

DOS Anjos ensina a Teologia que cada um é único na sua espécie. Os homens..., há-os parecidos, mas mesmo iguais isso não.

Isto vem a propósito de duas cartas de apoio à colaboração do Totobola no Património dos Pobres, ambas reveladoras de interesse e de pontos de vista diametralmente opostos relativamente à nossa proposta do tostão. Vejamos esta da Chamusca:

A propósito do TOTOBOLA, também sou de opinião, de que este joguinho, de que todos mais ou menos gostam e concorrem na esperança de um prémio, pode e deve servir para ajuda do Património dos Pobres; mas não esperemos por um tostão em cada impresso. Bastaria que cada matriz recebida reservasse do BOLO GERAL, dois centavos, isto é, uma insignificância, que a menos avolumaria a receita geral, mas que seria fácil de controlar e receber da Santa Casa da Misericórdia, semanalmente.

Façam as contas, semana a semana, quanto teria já rendido; pouco influiria no resultado semanal, mas ao fim de cada mês haveria umas dezenas de contos, a favor da Construção de Casas para os Pobres.

Não ambicioneis grossas verbas semanais. Contentemo-nos com migalhas, que a pouco e pouco encherão o saco e não castigam.

E agora esta, do Lobito (como vêem o Totobola ainda não chegou a África, mas a campanha do tostão, essa sim!):

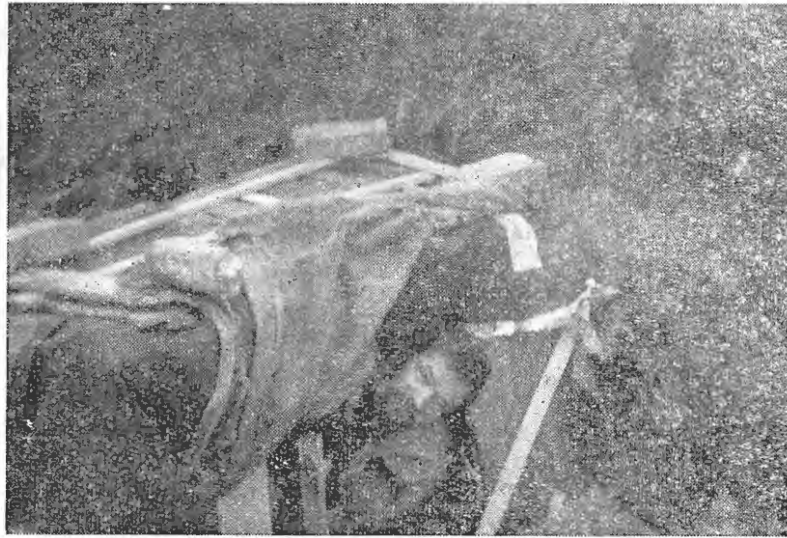
No último jornal que tenho em meu poder (n.º 468) fala-se no tostão sobre cada impresso do Totobola. Feliz ideia. Mas quem dá um tostão ou 2 também poderá dar \$50. O meu voto pois, é para que se cobre 50 centavos por cada impresso. \$50 para uma tão grande obra como é o Património dos Pobres

Continua na pág. DOIS

Aqui LISBOA

NESTES dias, muito à pressa, fui dar uma volta pelos Pobres. Comecei lá por cima. Por baixo do Bairro do Alvito. Se olhamos ao longe, é um vasto panorama. A esquerda avultam as novas construções, a ponte de Lisboa; ao fundo e à direita a beleza do rio emoldurado pelos montes da outra banda. Não assim a fundos pés: as barracas sucedem-se, umas encostadas à barreira, isoladas ou em fila desalinhada; outras abaixo do nível do chão ou metidas na penedra. Escombros em cima de escombros.

Com a aproximação do início da ponte, intensificou-se a descarga de entulho no local. Alguns já se mudaram, com medo da avalanche das terras que chegou a atingir pessoas nalgumas barracas. Outros vivem neste dilema: se não fugimos morremos aqui;



Contra factos, não há argumentos

se mudamos a barraca não nos deixam erquê-la. Para onde havemos de ir? Tenho procurado incutir esperança de melhores dias. Já veio

nos jornais, que a Câmara anda interessada em alojar convenientemente as 600 fa-

mílias deslocadas pela construção da Ponte sobre o Tejo. Graças a Deus! Mal iria que uma ponte para servir o progresso tivesse por alicerce a desgraça de tantos! Mas, normalmente, aqueles a quem digo isto não acreditam. "O quê? Fazer casas para a gente? Então nem nos deixam mexer no telhado...! Olhe aqui a minha barraca. O inverno entrou todo aqui dentro. O meu marido ainda quis mexer nas tábuas e levantar um pouco as latas. Mas não deixaram." E não deixam. O pobre não arredita, mas ainda assim, vive resignado. Talvez porque o Dobre seja resignado.

Continua na pág. 4

f e s t a s

Quisera poder dar já hoje notícias de como elas foram. É que já foram, em Coimbra, no Porto e em Braga, quando este número sair! Porém, a grande tiragem obriga-nos à preparação de cada jornal com uma quinzena de antecedência. Quando um número sai, está o seguinte na forja. Por isso aqui estou eu, quase deabalada pra Coimbra e a preparar o material que os compositores hão-de trabalhar durante esta semana, que promete ser alvoroçada, justamente por causa das «Festas».

Nesta hora em que escrevo, o nosso Abade dá os últimos retoques ao quarteto dos maiores, que se vai exibir nas outras Festas. No Coliseu será um orfeão mais numeroso. Américo apura os «batatinhas» na execução dos seus números. E veio dizer-me há pouco que o Pardal, 1.ª figura da importantíssima companhia, está muito rouco, mesmo sem voz. Eu receitei-lhe cama e pastilhas de mentol.

Américo anda aflito à procura de malas onde embalar o guarda

roupa, mas não teve sorte; a Senhora apenas lhe arranjou um cabaz de verga. Donde, eu concluo que há falta de malas cá em casa. Quem quiser entender..., que se explique!

Em Miranda e Coimbra, não sei, mas deve ser grande a azáfama destes últimos momentos. Umhas horas mais e ei-los diante do respeitável público.

A respeito de Braga surgiu um pequenino acidente: a Festa em vez de no sábado dia 7, será na 3.ª feira seguinte, dia

10. São mais uns dias em tensão.

Falta Lisboa. P.e Zé Maria continua indeciso entre o Império, só em Maio ou Junho, e outra sala onde seja possível a Festa mais cedo. Lisboa é sempre a grande nau... e a maior tormenta! Vamos a ver se logo em Coimbra me dá notícias mais certas. Que uma linhazita sempre se poderá acrescentar, à última hora, enquanto o jornal não começa a andar...



Hoje foi dia de festa. Tudo parou. Todos foram ver. Ninguém venceu a curiosidade. Nem os paralíticos. Tive que andar com o Rui ao colo a mostrar aqui e acolá. Que rico! Que lindo menino — dizia a ternura quem no via. Mas que pena! — era a reacção segunda depois da contemplação do pequenito anormal.

Ele veio da capital. Tem dois anos. É cego. Não anda. Não

fala. É totalmente anormal. O que todos nós podíamos ser! E não somos! A gente vangloria-se tanto dos nossos dotes naturais e esquecemo-nos de que foi o Senhor quem no-los outorgou. Diante da infelicidade alheia, sentimos necessidade instintiva de agradecer, qual medo de perder o que de bom possuímos sem mérito algum da nossa parte! Quantas vezes estes... servem para nos levar a louvar sentidamente ao Senhor pelos dotes que nos concedeu.

Mas, além do mais, este pequenito é uma vítima. Pobre ser humano, destituído de tudo!.....

Visado pela Censura

continua na página DOIS



FACETAS DE UMA VIDA

O testemunho publicado em o «Facetas...» anterior foi-nos entregue pelo Sr. Rafael após um jantar de confraternização, que os «Encanecidos» nos ofereceram, num hotel de Lourenço Marques. Mas, depois de o ler, ficámos pé em obter uma entrevista e caçar outros pormenores complementares.

Subtraí uns breves minutos à viagem supersónica que empreendíamos e marquei encontro na sua residência, à avenida Pinheiro Chagas.

Era só ele mai-la esposa. Não estava mais ninguém. E, tão à vontade que, sabedor da nossa pressa (dentro de meia hora ou três quartos de hora tinha de regressar à base!) mandou-me logo sentar na cadeira, sem mais cerimónia, e só trocámos impressões do que, na verdade, interessava — o Américo Monteiro de Aguiar, no Chinde.

Naturalmente e para começar, achámos preferível contar o máximo de facetas da célebre república do «Carapau Frito». A emoção do Sr. Rafael veio logo ao de cima!

— Foram 8 anos de convívio! Oito anos!...

— Então, retorqui, veja lá se recorda factos do maior interesse!

— Já lá vão tantos anos! Mas... Olha, o Américo regia a culinária com um jeito especial. Organizava vários menus, todos do agrado dos componentes da república. E... dos «Bombeiros» que habitualmen-

te nos visitavam, para saborear os bons petiscos.

— «Bombeiros»?!

— Sim. Era como nós qualificávamos os amigos que nos visitavam...

E o jeito prá culinária deu oportunidade a que emergisse outro aspecto revelador da textura moral de Pai Américo:

— Pedi-lhe, várias vezes, sublinha o Sr. Rafael, pra trazer artigos de consumo da Concessão da British Central África, onde era despachante. Que não. Não trazia. E não trouxe! Seria uma falta; um abuso contra a autoridade portuguesa. E não queria, também, sujeitar-se a qualquer reparo do Director da Alfândega. Tudo isto, veja, por uma questão de honestidade!

— Isso é admirável. Quem dera recordar-se de mais casos demonstrativos da forte personalidade de Pai Américo...

— Se tivesse na minha mão o «livro de actas» da república, era um desfiar... Olha, perdeu-se! Tenho pena. Muita pena.

— Não há, então, mais nada de curioso sobre a república?!

— A sua «morte»!

— Como e quando foi?!

— Nas vésperas de uma viagem do Américo à Metrópole, em 1914 ou 1915. Meteu um carapau numa caixa de charutos. Atou-lhe 4 cordeis e vestiu um ror de pretos de cabaias brancas. Uns seguravam no «ataúde». Outros seguiam, mui-

to sérios, com velas acesas. Por fim, dirigiu-os a uma poça de água estagnada onde lançaram o «féretro». Nessa altura, os pretos, ensaiados, choraram em voz alta e fizeram grande algazarra. Um sucesso!

Depois de comentar esta peripécia cheia de graça, fixámos a conversa na vida de relação, no Chinde daquele tempo. O Sr. Rafael é que tinha a palavra. Eu só quase ouvia — e «estenografava».

Como qualquer cidade ou vila, havia na terra um clube. O «Grémio do Chinde», muito frequentado pelo Américo. Organizavam-se bailes, festas, etc. Ora iniciativa de portugueses, ora de ingleses. Mas... ouçamos o nosso interlocutor:

— Como não havia quem falasse inglês correctamente, o Américo era o condutor e o tradutor. Prendia-se, assim, noites a fio. E os ingleses, reconhecidos pela sua amabilidade, tinham por ele não só respeito com muita simpatia, dado que

a sua conduta foi sempre irrepreensível.

Puxámos à baila o facto de Miss Crosby (que eu já conhecia de nome, por tantas vezes o ouvir da boca de Pai Américo) apontado no «Facetas...» anterior.

— Sim. Miss Crosby tinha grande afeição pelo Américo. Mas ele nunca se abriu ou condescendeu. Pois não sentia vocação para o matrimónio.

Entretanto, a esposa do Sr. Rafael convidou-me para tomar chá. Soube na ponta da unha! Proporcionou-se, então, a ocasião de me ser mostrado um lindíssimo serviço de café, austríaco, que Pai Américo lhe ofereceu em 1913. Guardam-no religiosamente, como uma relíquia, como objecto sagrado, em uma caixa bem acondicionada.

E como remate dos escassos minutos que dispunha, ainda cacei mais um episódio.

Já sabia, muito bem, do amor que Pai Américo tinha por seus pais. Falei nisso ao Sr. Rafael que, imediatamente, leva as mãos à cabeça e afirma:

— Fui eu que, um dia, após o almoço, entreguei ao Américo uma carta tarjada. Desconfiei da tarja. Mais pelo carimbo. Abriu-a, emocionado, e abraçou-me, marejado de lágrimas, sem acabar de ler. Anunciava o falecimento de sua Mãe!

Júlio Mendes

Tribuna de Coimbra

A NOSSA festa no Avenida foi cheinha. Cheinha do bem

com que tudo correu. A sala estava apinhada. Não havia qualquer espaço livre. Mais do que as presenças do corpo sentimos a presença de alma de grandes amigos. Muitos sorrisos. Muitas lágrimas. Muitos aplausos. Muitos reбуçados e bolos e mimos. Muitos parabéns. Muito dinheiro. Muitos agradecimentos por aquelas duas horas de tão doce convívio. O *sacrum convivium*, lhe chamamos nós.

Desde o principio da notícia da festa tudo levava a crer que iria acabar bem, mas tanto, não se esperava. Quando fomos pedir a casa, a Esposa do nosso tão saudoso e Amigo Senhor Mendes de Abreu recebeu-nos com um carinho extraordinário e abriu-nos todas as portas. As autoridades deram-nos totalmente as mãos. A imprensa da cidade fez de nós coisa sua. O Emissor Regional ofereceu-se para nos ajudar. Não sentimos estorvo de parte alguma. Os bilhetes

Totobola

Continuação da primeira pág.

é alguma coisa, em tantos milhares de impressos, e quasi nada representa para quem os dá. Avante pois os 50 centavos por cada impresso.

Eu gosto destas divergências. Onde há discussão há vida e em regra o desejo de luz. As palmas e os apoiados das assembleias formais, lembram-me gente dorminhoca que acordou estremunhada ao sinal do chefe da claue. Aqui não. Cada um diz o que tem no coração. E no coração de cada qual está a ânsia do melhor. Que uns digam mais e outros digam menos... — Nem por isso há contradição. É entre um mais e um menos que se toma tensão capaz de produzir corrente! E corrente significa actividade, vida. Deixemos, pois, «os mortos a enterrar os mortos» em melopeia monótona e alegremo-nos com as dissonâncias que hão-de compôr a harmonia.

Devo dizer que a maior parte dos que nos têm escrito enfileiram com o nosso correspondente de Lobito. Se nem todos propõem os \$50 são muitos os que sugerem os dois tostões.

Se fôssemos a tomar a decisão pela média, ainda assim creio que ficaríamos acima dos 20 centavos. Mas não; até ver ficamos no tostãozinho, que me parece não «castigar» ninguém.

Mas também devo dizer que gosto muito da doutrina do nosso correspondente da Chamusca. Nós temos medo aos grandes números. Habitados como estamos a migalhas, achamos-lhes um sabor que as fatias grossas não têm. Perguntem aos nossos rapazes que há de melhor do que a rapadura do tacho das papas?! E no Natal, quando a Senhora do Bolo-Rei aí aparece com eles, quem se não candidata às migalhas que ficam do cortar das fatias? Por isso nós mesmo pusemos o problema de ser dinheiro a mais.

Para os trabalhos da directa responsabilidade da Obra da Rua não o aceitaríamos. Mas o tostão do Totobola é a favor da construção de casas para os que vivem em cortelhas, quer em regime de Património dos Pobres, quer de Auto-Construção. E o que não há, neste capítulo, por fazer por esse país além?! Lemos há dias um trabalho de um arquitecto interessado em problemas sociais, particularmente neste da habitação. Anunciava a existência de mais de 16.000 famílias a viver em barracas e reputava a quantia necessária para remediar o problema em 700 mil contos.

(Isto só em barracos! Porque a morar em condições desumanas em barredos, ilhas, casas razoáveis mas superlotadas, etc., passam de 200.000 famílias. Portanto, para a solu-

ção integral do problema, na média achada pelo dito arquitecto, seriam precisos 8 milhões e 750 mil contos!)

O que é o tostão vindo do Totobola diante destes números assustadores? Em si mesmo quase nada. Em regime do Património dos Pobres ou de Auto-Construção, ele poderia ser uma notável achega para a resolução de tamanho mal, realizada quase como quem brinca. É que nas nossas mãos, 5 ou 6 contos significam uma casa. Que nós não ajudamos senão quem se ajuda a si mesmo! Andando o valor de uma casa, com as exigências mínimas e suficientes fora das que não ajudamos, por esses 25 a 30 contos, (em meios rurais) façam os senhores o favor de ver como aquela nossa ajuda é fermento que vai quintuplicar ou sextuplicar a massa. E isto não são teorias abstractas senão utópicas, como tantos planos que por aí se fazem. Isto é o Activo do Património dos Pobres e da Auto-Construção nos seus ainda poucos anos de existência.

Deixe-nos, pois, o nosso leitor da Chamusca pedir o tostãozinho. E, até ver, contentem-se com ele o de Lobito e todos os que pedem mais.

O que não há dúvida é que ele será uma contribuição muito fácil a reproduzir-se com excepcional eficácia a bem da Nação.



Continuação da pág. UM

..... Mas surge. O Calvário é hoje a morada do Rui. Pobre Rui que de tudo carece. Quem não conheceu carinhos de mãe? Pois, o Rui não senhor. Agora, porém, os doentes do Calvário são a sua mãe, o seu pai e os seus irmãos. E a criança é hoje ciosamente amada.

Ela vai ser ocasião de tu, que aqui há-de vir, saíres de ti mesmo, do teu círculo de relações e entrares no mundo dos desprezados. «O que fizerdes ao mais pequenino destes é a Mim». É a

palavra de ordem do Mestre. Palavra que movimente exércitos em prol dos deserdados. A paixão do abandono é uma paixão tão forte como qualquer outra. Enraíza-se em Cristo e estende os braços aos membros que d'Ele são imagem.

Que rico! Que lindo menino! O Rui vai pois ser forte apelo a todos nós para erguermos bem alto as mãos ao Senhor por sermos escorregados de corpo e alma. E por esta razão direi em contradição com o senso comum, que não é melhor Deus levá-lo, mas mantê-lo longos anos entre nós para glória sua e estremecimento nosso.

Padre Baptista



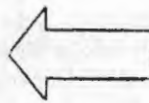
muito cedo começaram a ser procurados e quem não andou a tempo, teve que ficar em casa ou voltar a ela sem festa, pois as bilheteiras do Avenida depressa encerraram as portas. 'Já não há bilhetes,' dizia-se por toda a parte.

Os actores agradaram plenamente. Não sabemos quais mais aplaudidos se os do grupo cénico, se os pequeninos de Setúbal no batuque de pretinhos, se Paulo do Tojal com seu conjunto na mamã, se Padre Baptista com o drama vivo de irmãos nossos do Calvário e seus rapazes com *pregões de Lisboa*, se Américo de Paço de Sousa com batatinhas sempre tão aplaudidos, se de Miranda Fernandito com suas típicas castanholas e Fernando espanhol com a voz de Joselito, se Perigoso e Barbosa a cantar ao desafio. Não sabemos quem mais agradou de tantos que agradaram.

Aqueles que apreciam as nossas festas pelo resultado material também se podem alegrar, pois os bilhetes deram quinze e as capas oito contos.

Estamos todos de parabéns e eu com muita vontade de que para o ano se repita esta noite.

Padre Horácio



O homem não pode ser escravo, seja a que pretexto for. Em todos os tempos a luta contra a escravatura revestiu um carácter sagrado. Também não poderá ser escravo do trabalho. Uma das características desta luta tem sido a **diminuição das horas de trabalho durante o dia, o descanso semanal e um período de férias anual.** Em primeiro lugar a diminuição das horas de trabalho durante o dia. O ser humano precisa de tempo de repouso, para assim esse mesmo repouso e a conveniente e suficiente alimentação, poderem restaurar as suas forças. É assim a nossa natureza e não há possibilidade de a modificar. As transgres-



Auto- Construção

sões serão sempre bem pagas. O horário das oito horas vai conquistando campo continuamente. Hoje umas profissões, amanhã outras. Aqui por imposição do Estado, ali pela iniciativa particular. É uma batalha com vitória à vista, esta das oito horas de trabalho. O dia poderá ser dividido assim: **Oito horas de trabalho profissional. Oito horas de repouso e oito horas restantes para outras ocupações e actividades.** Este facto que hoje existe para um

bom número de trabalhadores e amanhã existirá para muitos mais, põe-nos diante dum problema humano de muita importância: **O emprego dos tempos livres.** Não basta diminuir as horas de trabalho. Poderá até ser um facto prejudicial, em alta escala. O homem, e sobretudo o jovem, tem de saber e de querer aproveitar esses tempos livres. Que fazer deles? Jogar? Beber? Fumar? Conversar? Passear? Ler? Jogo, a bebida, o fumo, a conversa, o passeio e a leitura poderão sem dúvi-

da, ter a sua parte na redução do problema; mas não completamente. Não nos referimos sequer àqueles que estragam o dia com a noite e as horas de trabalho com as de folga. Mesmo em casos normais, com trabalhadores equilibrados, há que preencher esse tempo. Como? Por meio da **propriedade particular.** Esta propriedade terá aqui uma função única, insubstituível. Será um refúgio e uma fonte de inspiração de cuidado, de interesse. Uma **casa própria**, em quintal, uma granja agrícola, uma modestíssima actividade industrial. **Empregando criteriosamente as horas livres, muitos trabalhadores, reunidos em pequenos grupos, poderão construir as suas próprias casas.** É uma questão de fé, de propaganda, de exemplo, de educação. Também aqui **uns arrastarão os outros.**

(Toda a correspondência para Auto-Construção, Aguiar da Beira)

Padre Fonseca

ÁFRICA

São dois os nossos soldados em Moçambique, nesse norte da Província, tão rico, tão prometedor.....

Já temos publicado notícias do Oscar, agora em Vila Cabral. E que notícias! Porém a sua última carta era quase triste: «Já não tenho esperanças de arranjar trabalho para a vida civil que se avizinha a passos de gigante. As terras que tenho corrido, sempre no interior, não oferecem empreendimentos onde possa exercer a minha arte, e tanto empenho que eu tenho de trabalhar!...»

O Oscar é carpinteiro e bom artista. Que pena se a Pátria que ele serve como soldado no norte de Moçambique, lhe não oferece, ali, onde ele é tão preciso (e tantos como ele!) ali onde ele deseja continuar «a ser útil, depois do tempo cumprido», que pena se a Pátria lhe não oferece ali qualquer empreendimento onde possa exercer a sua arte!!

De Ocua o Quim mandou-nos há dias esta carta:

Já um pouco em atraso respondo à sua carta de 21/2. Todo o tempo tem sido pouco para o trabalho que de mim se têm servido. Para além de tudo sinto-me satisfeito de ter levado todo este tempo (já lá vão quatro meses) sem ócio.

Muito tenho aprendido e muito mais hei-de aprender nesta vida de trabalho, dor e privações. Privações não de dinheiro que isso felizmente não é o nosso problema, mas sim o não encontrar aquilo que nos é necessário havendo o que se estava habituado a não ter (dinheiro).

Quantas vezes me lembro das dificuldades com que aí se lutava quando era preciso isto ou aquilo e, porque não havia o necessário, já não se fazia porque não se podia... Aqui não há dificuldades que não se vençam. Lembro-me que não temos materiais nem ferramentas e que tudo se tem feito sem o mínimo de regateio porque falta isto ou aquilo tornando-se impossível. Esta é uma palavra que aqui não se conhece.

Tenho levado todos estes meus dias lutando com o calor, as saudades — com tudo, menos a indolência.

...Mas maior é a luta com a vida árdua que é estar no interior sem nada ter e tudo se ir cultivando com o nosso esforço e boa vontade. A nossa vida é cheia. Começa às cinco da manhã, com trabalho às 6 horas que dura até às 11, seguindo-se o banho até ao almoço que é ao meio dia. Uma sesta que vai até às 15 e 30 continuando o trabalho até às 17 pois o jantar é um quarto de hora mais tarde.

Tive 10 dias de licença para ir trabalhar fora o que aproveitei, não com a ideia de ganhar dinheiro, mas com o fim de aproveitar esse tempo para descansar um pouco desta vida. Fui com um colega para uma serração, que fica aqui a uns vinte quilómetros, fazer uns biscatos. Ficamos em casa do gerente. Ali comemos e dormimos; fomos tratados como filhos e por fim veio uma gratificação. Tudo isto veio em prémio do que temos feito em prol da Bateria.

Temos tido todos os domingos missa em um local de que mais tarde enviarei fotografia, que foi feito por mim mais esse colega. Vem um snr. Padre de uma Missão que fica a 50 km

aqui na estrada que vai para P. Amélia. No carnaval tivemos aqui três dias de grande festa em que o desfile foi qualquer coisa muito superior ao do Estoril em 961!... com seus actos de variedades mais não sei o quê, o que sei é que se viveram uns dias alegres. Em suma, sinto-me bem e confiado.

Eu digo mesmo: um cântico da juventude que o Quim ia perdendo antes de a ter passado. Ele está a encontrar-se, vai descobrindo uma dimensão verdadeira, e desconhecida — é a grandeza de África, de uma África nossa que nós estamos aprendendo a amar na medida em que ela nos custa sangue e suor. Eu experimentei quando há dois anos andei por lá, essa mesma sensação de grandeza — e ainda a lembrança se me não varreu.

«Muito tenho aprendido nesta vida de trabalho, dor e privações». E é tal a sua certeza da qualidade deste ensino, que se sente o vigor da sua afirmação: «muito mais hei-de aprender».

É uma grande verdade esta de que o Quim dá testemunho: O trabalho, a dor, as privações — são mestres da vida que nada mais pode substituir. Eu tenho bem medo que neste «doce embalo» em que jaz a gente metropolitana, sacudida momentânea e superficialmente mas não ainda atingida na profundidade da alma por ferida que leve da compreensão aos extremos do amor — tenho bem medo que por cá ainda se continue ignorando o papel do trabalho, da dor, das privações, na realização do Homem e das nações.

E estes trabalhos, dor e privações não são estorvos à felicidade. Pelo contrário, são a ferramenta mais eficaz na construção da felicidade do Homem! É o Quim que o afirma: «A nossa vida é cheia... Em resumo: sinto-me bem e confiado».

E eu já dei, e repito, o testemunho de como o Quim, por cá estava em risco de perder a juventude — com toda a sua capacidade de ideal, com todas as suas promessas de fecundidade — antes de verdadeiramente a ter vivido.

Mas há outra que eu queria sublinhar. E primeiro do que em ninguém, ao sublinhá-lo, eu penso nos nossos rapazes.

«Quantas vezes me lembro das dificuldades com que aí se lutava quando era preciso isto ou aquilo e, porque não havia o necessário, já se não fazia porque não se podia... Esta (impossível) é uma palavra que aqui não se conhece».

É verdade: a pobreza das Famílias e das Nações resulta mais da pequenez dos homens que as compõem do que da insuficiência dos instrumentos. Quando o homem quer e se dá todo a querer, impossível será sempre uma palavra desconhecida.

Eu acredito ainda na sobrevivência portuguesa de Angola e Moçambique. Mas é preciso que os portugueses acordem, desde a cabeça aos pés todos os membros dormentes, vejam a realidade, e meçam e se meçam — e ponham em acção todas as suas faculdades, na crença firme de que será no trabalho, na dor, nas privações, e só por este preço de suor e sangue, que nós aprenderemos a ciência da realização do Homem e das Nações — e nos realizaremos.

SETUBAL

Há tanto tempo que não dou contas!... E tenho-as para dar! Elas são a prova sensível, realizada, do amor de quem, aos poucos, vai fazendo a Obra!...

Sou, às vezes, tentado a desabafar rezando: — Senhor, até parece não ser necessária a fé para crermos no Teu Amor!...

Eu andava, há dias aflito por ter de arranjar mais outra máquina para a nossa alfaiataria. Os rapazes a pedirem, o mestre a exigir, o trabalho a aparecer... e eu aflito... — Mas, como posso eu agora?... — Posso bem... E pude! Dois dias depois, uma senhora segreda: — Sabe? Eu tenho uma máquina para lhe dar. É uma máquina industrial.

Eu não acredito no acaso. Foi de tempos idos. Mais. A possuidora era pobre, doente, com necessidades. Onde a força para dar? Onde o motivo? Onde o amor? Porque não a trocou por outra, ou não a vendeu? Porquê?... Nem que a gente não tivesse fé... Somos obrigados a dobrar a cerviz, a reconhecer e a cantar: Deus manda. Felizes aqueles que cumprem as suas ordens ou ouvem os seus pedidos... Sim que Deus também pede. Felizes!...

«Por alma de minha mãe» cinquenta escudos! Ao Zé

AQUI, LISBOA!

cont. da página U M

gnado é que nós vivemos em tanta apatia pelos seus problemas. Tomamos a existência deles como um condicionalismo social, um mal necessário. E vai daí que não se faz nada.....

Os vicentinos de Santo Condestável, os que arrastam o encargo pesadíssimo das aflições do maior aglomerado pobre de Lisboa—o Casal Ventoso—maior em população que muitas vilas de Portugal, reuniram hoje. É preciso avivar um pouco o ideal vicentino e alargar mais o horizonte de acção. Mas, uma dificuldade: A tremenda indiferença. "Dadme na nossa paróquia quando há peditório para os pobres, muitos berram alto, como invectiva, para que quem passa oiça: ao menos um tostão!—dizia um senhor bem formado e colocado. Eu sou um". Pois quê? Não dá resultado. Passam adiante. Que admira? Cristo já contou a parábola do Samaritano para que estivessemos avisados. Os homens são assim.....

A indiferença arrepia. Por isso o Senhor disse ser mais fácil enfiar um calibre numa agulha do que meter-se um rico no Reino do Céu.

É preciso que se saiba quem é o Pobre: um membro desfeitoado do Corpo Místico de Cristo. É um irmão nosso! É preciso que se saiba que tem direito à saúde e à vida em condições humanas.

VISADO

PELA COMISSÃO

DE

CENSURA

P.e JOSÉ MARIA

A * G * O * R * A

Cá estão hoje os das casas a prestações. Eles são numerosa falange. Só por si, este grupo justifica uma saída da Procição. Ei-la.

Abre o assinante 1107 com a última pedra de mil para a sua casa. Logo a seguir a Mãe Amargurada ansiosa por se pôr em dia e cheia de «esperança em Deus que há-de ir». De mãos dadas com ela, a Mãe que crê em Deus com as suas mesadas de Janeiro a Março.

A Casa de S. Francisco fica na 21.ª prestação. O Alberto do «plano decenal» não falta um mês que seja e isto já há anos. Estas presenças continuadas geram amizade, digo mesmo: laços de familiaridade sem ser preciso sequer o conhecimento físico. Como eu

compreendo, assim concretizada, a profunda realidade dos encontros no Coração de Jesus!

Outros velhos conhecidos — é a 39.ª vez!: o Casal assinante 28562.

As Raparigas da JUCF do Instituto Superior Técnico lançaram o ano passado uma campanha e, na continuação dela, mandam agora 1.952\$50, com «esperança de prosseguir até perfazer a quantia necessária à construção de uma casa». Gostamos muito destas visitas de gente nova e já com responsabilidades sociais.

Uma Maria, de Lisboa, mandou uma importância e dela manda retirar uma fatia de 100\$00 com esta legenda: «não sei se diga que será a 1.ª pedrinha duma casa, pois sou muito egoísta e possível-

mente não serei capaz de continuar se não rezarem por mim». Pois rezaremos mesmo, nós mais os Pobres que vão sendo agasalhados. E uma sinceridade tamanha há-de ser o terreno de cultura deste continuar!

Mais 2X 1.000\$ da Clarinda e 3 prestações iguais de MM-AL. Tal como esta última, também a Casa de Jesus Crucificado e Jesus Ressuscitado fica na 11.ª prestação.

A assinante 2164 apareceu três vezes desde a última saída deste grupo. Fica na 35.ª pedra de mil. E as cartas que ela manda?... São uma gulodice mensal que nós já não dispensamos. Senhora D. Judite, nem que não mande pedras, não deixe de nos mandar de vez em quando o tónico de uma cartinha das suas. Uma Emília de Lisboa que já tinha terminado a sua remessa da dúzia, resolve actualizar preços e aí volta disposta a aproximar-se do custo real duma casa: a dúzia e meia. (O custo real ainda passa desta quantia!) Outra de Lisboa, Angelina. Manda 100\$00 para a Casa de meus Pais e «promete» voltar breve, todos os meses, se Deus quiser! E voltou mesmo, com mais 500\$00. N. Senhora tem aqui duas casas em Seu nome: Casa de N. Senhora do Rosário, com a 4.ª prestação «Era minha vontade mandar mais alguma coisa, mas os câmbios andam muito apertados, pois tenho duas filhas a estudar e não tenho outro rendimento que não seja o ordenado»; e a Casa de N. Senhora das Candeias, começado com 2.200\$ na festa litúrgica da Purificação. A Casa do Emigrante sobe uma fiada de 300\$00 de alguém que manda mais 200\$00 para a Casa nova das Belenitas e «tenho 4 filhos, sou empregado com um vencimento pequeno, mas Deus tem-me ajudado sempre. Peço ainda orações pelos meus miudos que são ainda da idade dos «Batatas» e que procurarei educar como bons cristãos». Ó Pátria madrastra que andas por aí a iludir tantos insignes beneméritos com comendas de benemerência e ignoras os cidadãos que te salvam!

A Casa do Rui e sua Esposa andou 500 prã frente.

Ajoelhem, que Cristo, continua a desfilar diante de nós, nas pessoa de nossos Irmãos: Pesava-me na consciência viver bem e nada contribuir para que os outros vissem um pouco melhor. O «Gaiato» é uma sacudida às consciências, mas depois absorvia-me nos múltiplos afazeres do dia a dia e ia esquecendo. Tomei definitivamente, e com muita alegria, a resolução de contribuir ainda que os pouco para uma casinha para os sem lar. Sempre sonhei com uma casinha nossa, fomos economizando alguma coisa para isso, mas é sempre pouco. Já que não posso realizar esse desejo poderei ao menos consegui-lo para alguma família pobrezinha? E quando? Não importa quando; o que interessa é começar. Faço tenção de

enviar de 2 em 2 meses 200\$00 para tal fim. A casinha seria oferta de meus 4 filhos para que nunca lhes falte o aconchego duma verdadeira casa onde todos estejam sob as benções do Sagrado Coração de Jesus.

Queira V. Reverência dignar-se abençoar-nos e fazer uma prece ao Céu para que um dos meus dois filhos venha a ser um sacerdote, um bom sacerdote. Seria uma honra que não mereço se o Céu me desse esse gosto.

Mais mil «para a 10.ª prestação das 12 que anseio enviar para a Casa Pai Américo. É Zé Ninguem que assina. E este o nome escolhido por quem é alguém. Um Engenheiro da R. Maria Andrade — Lisboa, passa agora com o «vale» costumado de 100\$00».

Mais uma casa que começa com mil: é a Casa do Jorge e da Berta. A Casa do Pai João fica em 7.932\$00 e a Casa de S. Carlos levou a 4.ª fiada de 500. O Assinante 6790 apareceu uma série de vezes e ficou na 94.ª e a Casa do António e do Fernando soma agora 7.900\$. Mais 500+500+900, da Beira para a Casa Graças a Deus (É já a 2.ª com este nome!)

Mais 500+200 de um assinante de «O Gaiato» que fica assim na 27.ª prestação de 100 mensais, que tinha começado e teve de interromper e agora retomou.

A Casa Encontro (5.º mistério do Rosário) com três pedras: 2 de 1.500 e uma de 2.500\$. E este Rosário começa a ser rezado em coro.

Ora vejam: Anda alguém em longa reza desfiando as contas dum ROSÁRIO. Quisera rezar com quem... mas não posso. Peço-lhe, ao menos, que me permita associar-me à sua tão bela oração com uma simples Salvé-Rainha que irá levar 18 meses a rezar, se Deus o permitir.

Com a mais profunda estima em N. S. J. C.,

SALVÉ-RAINHA

Fica a Salvé-Rainha no 2.º versículo dos 18 em que o orante a dividiu.

E fecho a Procição propositalmente com este casal delicioso — ambos empregados modestos em Liceus do Porto — que aí apareceu num dia de Carnaval com o seu envelope fechando uma nota de 500 e esta dedicatória a acompanhá-la.

É com muito gosto que nos desobrigamos duma promessa: a oferta de metade do vencimento mensal — o primeiro — para que o aplique como quiser. Trata-se dur. pedra que queremos seja a primeira duma casinha que ambicionamos e que não sabemos ainda quando será. A outra metade do ordenado destinámo-lo a obra do Sr. Padre Grilo.

Aceite respeitosos cumprimentos dum casal feliz.

Setúbal

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA TRÊS

Maria uma freguesa entrega vinte, todos os meses. Uma criada manda 200\$. A anónima do Setubalense, agora manda ao Lar cem por mês. Uma outra dá 15 prã renda. M. M. do Porto não nos esquece com as suas prestações tão sacrificadas. A andorinha, também não. Caldas da Rainha, de vez em quando, 50\$00 para a conferência. Uma viuva, em dor, deu-nos 500\$00 pró azeite, 12 blusas, castanhas e comunicação no seu sofrer.

Conservas. Não temos nada. É a Fábrica Gargalo que nos tem valido. As outras, ou mal nos lembram, ou esquecem-se de tudo.

Num casamento, aqui em casa, arroz doce, bacalhau e duzentos! Visitas, idem. A pedir as benções de Deus para nós e uma oração para quem oferece 500\$00. Um amigo que telefonou a mandar buscar uma encomenda, mil. Homem que vive do seu trabalho e arranca ao seu pecúlio esta quantia. Grandezas que só Deus conhece. Um club que manda todos os anos, este, não nos esqueceu 500\$00. A C. R. do Comércio do Arroz idem. Uma herdade vizinha 12 bolos reis e dois mil. Outra 50 litros de azeite, grão e uma camionete de bagaço de azeitona prós nossos porcos. Outra, quanta lenha a gente precisa e camisolas. Outra, esta é de sempre seis mil!... Um engenheiro da Secil 200\$00. Uma senhora que nos lembra, amiguadas vezes, cem. Um envelope a um vendedor trazia quaren-

ta. Por intermédio duma livraria, mais cem. Dum pároco da cidade cinquenta. A M. P. brinquedos, boroas, rebuçados e duzentos. Vizitantes 250\$00. A Junta de Freguesia da Anunciada 500\$00, a de S. Sebastião. idem; as outras não se lembraram...

A Quinta do Anjo tem sido a nossa Quinta! Roupas, mercearia. 500 + 200 + 500... Agora vem-nos remendar a roupa. Esta gente tem sede!... Vem matá-la, dando-se. É um grande sacramento a doação!... Por isso vão daqui mais ricas e mais felizes... A pedir uma missa pelas almas 50\$00. Celebrei. Numa esquina a pedir aumento de fé, cem. Uma pecadora «pede licença para enviar esta pequenina lembrança», vinte. Dum amigo jogador no to-bola, 260\$20. Migalhinhas heróicas de alguém que sofre e economiza 300. Dinheiro sagrado!... Visitas 50+50+50+20+100 e muitas vezes. Amigos do Montijo roupa, 50, fora os mimos ao Barba Russa.

A nossa mãe de empréstimo, todos os meses avia no armazém pra si e pra nós. É mãe. Está tudo dito. Pa-péis pra vender. Aqui tudo é útil. Nós apanhamos o lixo da rua e ele torna-se em «filhos de Deus». De uma promessa, mil. É um filhinho que há-de nascer. Esperanças rejuvenescidas. Alegrias de paternidade. Mil... Grande sacrifício! Beleza de acção de Graças!... P.e Acílio